

## PONTE DE MEM GUTIERRES

Localizada sobre o rio Ave e na freguesia de Esperança, cujo orago é São Bartolomeu, a Ponte de Mem Gutierres ou da Esperança, inicialmente denominada de Domingues Terna, segundo alguns autores, ou de Domingos Terno, no dizer de outros, por este ter sido o seu construtor, em 1382, e ter colocado o seu nome na estrutura, é uma construção do românico final e que está classificada como monumento nacional.

Bastaria esse classificação para que revestisse, ela própria, um dos elementos de maior valor no património construído da Póvoa de Lanhoso, no entanto, e aparte isso, ela representa ainda um belo exemplar da construção da época, imponente na sua rusticidade e segurança, e é, paralelamente, um excelente exemplo de diferenciação entre o românico, que representa, e o romano com que, não poucas vezes, a confundem.

Na verdade, as pontes românicas são de melhor construção do que as romanas, deste modo resistindo melhor ao tempo e às cheias. Enquanto as primeiras se caracterizam por terem um grande arco quebrado e serem em forma de cavalete, como acontece com a Ponte de Mem Gutierres, que possui aduelas muito estreitas e compridas e tem os seus encontros reforçados com contrafortes regulares, conferindo-lhe as resistência referida, nas segundas, os arcos são baixos e a construção menos cuidada e segura.

De importância fundamental para as populações da freguesia, como das limítrofes, a Ponte de Mem Gutierres era o único meio de travessia do Ave para aqueles que ali residiam e para o escoar dos produtos da terra retirados, para além de constituir um local habitual de reunião para as gentes da Esperança, que com tudo quanto de pitoresco as caracteriza, ali se juntavam aos Domingos e dias festivos, ocupando a sua única via, de apenas 3,5 metros de largura, com as suas danças e cantares.

Segundo a lenda, em tempos passados, as mulheres grávidas da freguesia iam para cima da ponte e aí, vedando a passagem de animais e veículos sobre ela, esperavam pelo primeiro homem ou mulher que passasse, e esse, ali mesmo, procedia ao “baptismo” do novo ser, ainda no ventre da mãe, para tal usando as águas do Ave e proferindo as palavras usadas no baptismo católico, vindo a ser, depois, o padrinho ou madrinha do bebé que nascesse.

Num concelho com poucas referências arquitectónicas, em que rareiam os exemplares monumentais de que outros dispõem, a melhor homenagem que poderíamos prestar à Ponte de Mem Gutierres, como ao povo de São Bartolomeu da Esperança e de todo o concelho, era a de recuperar convenientemente aquele exemplar do nosso património, dele retirando todo o tipo de trânsito, que não o pedonal, e promovendo a sua permanente conservação, deste modo transmitindo aos vindouros tão valiosa herança.

**Carlos Sousa Dias**